

JOAQUIM BENITE (1943-2012)

Um homem generoso

O seu teatro era o da política, o da cidade, o das pessoas. Mas era também o da vida, da poesia e do prazer. Quando dava, dava tudo. Benite morreu ontem aos 69 anos

Tiago Bartolomeu Costa

Tantas palavras, tantos projectos para descrever Joaquim Benite e, ele, o homem a quem muitos agradeceram por lhes ter ensinado a ver, a fazer e a pensar o teatro, disse um dia de si, usando uma frase de Chaplin: “Não passamos de amadores, não vivemos tempo suficiente para sermos mais do que isso.” Benite morreu na noite de terça-feira, aos 69 anos, com uma pneumonia e depois de quase dois anos de um processo clínico de internamentos provocados pela diabetes. O funeral sai hoje, às 14h45, da Igreja de Santa Joana Princesa para o cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

Benite, o encenador, primeiro do Grupo de Campolide e depois da Companhia de Teatro de Almada, no pós-1974, numa altura em que tudo parecia por fazer no teatro em Portugal.

Benite, o director do Festival Internacional de Teatro de Almada, fundado em 1984 com o sonho de ver os trabalhadores da Lisnave subirem a Avenida 25 de Abril com as suas marmitas preparadas para se encherem de teatro.

Benite, o homem que antes de tudo isto foi jornalista, crítico, editor e chefe de redacção em jornais como o *Diário de Lisboa*, o *Primeiro de Janeiro*, o *República*, o *Século* e o *Diário*, interrogando no teatro “a sua relação com o texto de que parte [e] valorizando o que em cena prova ser uma leitura inteligente e acertada da obra”, como escreveu Maria Helena Serôdio em 2011, na revista *Sinais de Cena*.

Benite que, no fundo, quis sempre contar histórias e provocar encontros, porque, dizia, o que o

preocupava era “a inclusão, não a exclusão”.

Benite, que em 2003 escrevia, a propósito do encenador suíço Benno Besson, um dos muitos que o Festival de Almada trouxe a Portugal, que “o que define o teatro dos grandes criadores é o carácter único dos respectivos estilos”. “Ao longo das suas carreiras é uma visão do mundo, traduzida numa poética própria, que os seus espectáculos vão elaborando, ainda que, inevitavelmente, essa elaboração continuada não possa aspirar à plenitude.”

Geração de mudança

Joaquim Benite nasceu em Dezembro de 1943, filho de uma relação ilegítima entre um empresário do teatro e uma aspirante a corista. O casal, que lhe deu quatro irmãos, vivia com muitas dificuldades. O encenador perde a mãe ainda criança, e do pai, que morreu pouco depois, lembra-se que o levava ao Parque Mayer e o ensinava a ler nas páginas do *República*. Depois da morte dos pais passa a viver com uns tios que mal conhecia. Aos 12 anos decide passar a usar o apelido da mãe, contou ao PÚBLICO em 2004, para afrontar a família do pai, que sempre a rejeitara. “Cresci no puritanismo temeroso, sensual e sórdido, dos anos 50, escola-casa, casa-escola, palestras da língua portuguesa do dr. Vasco Botelho Amaral, Rádio Clube Português, meninas de grandes saias rodadas e uma vaga noção de desgraças e tragédias, de que quase ninguém falava, porque era preciso esquecer”, escreveu em 2003 na revista *Cadernos d'Almada*, que criara para saciar o desejo de fixar o teatro. Foi com o tio Aleixo, “republicano absoluto e forte opositor ao regime”, contava em 2004, que se apaixonou por Camilo

e Balzac, escritores que manteve sempre na sua biblioteca: “O meu tio era cego e pedia-me que lesse para ele. No princípio aborrecia-me, mas pouco a pouco fui percebendo que era ele que me fazia um favor e não o contrário.”

E o que ficou desta educação fez dele um homem culto, “um artesão” que pertence a uma “geração que devemos saudar e honrar”, disse ontem Emmanuel Demarcy-Mota, director do Théâtre de la Ville e do Festival de Outono, em Paris. Uma geração que, ao longo dos anos, Benite foi chamando para com ele mostrar a força do teatro face à errância das políticas culturais. Para intervir, dizia, “o teatro só tem de falar abertamente da realidade. Mesmo quando não parece, é sempre político”.

“Ao teatro restam as armas da simplicidade, do despojamento, da pureza da palavra e da descoberta do corpo singelo. E, no entanto, com estas armas brandas, esta serenata de pequeníssimas estrelas — o teatro resiste, denuncia, revolta-se e apela”

Joaquim Benite

Com a morte de Joaquim Benite “o teatro português perde um companheiro leal e generoso, coisa rara no país”, disse o encenador Ricardo Pais ao PÚBLICO. “Era um encenador com grande sentido estratégico do seu próprio trabalho, grande autoridade cénica e muito ágil, apesar de duro.”

O que a morte de Benite representa, por mais cruel que seja pensar assim, é também o início do fim da geração que mudou o teatro em Portugal. Primeiro com Grupo de Teatro de Campolide, depois com a Companhia de Teatro e o Festival de Almada, Benite foi, ao longo de mais de 40 anos, protagonista de uma história que teve de inventar quase tudo. Os espaços, o público, a relação com os autores, o jogo político, as evoluções estéticas resultantes da liberdade. No fundo, teve de criar um teatro que respondesse a uma nova ordem mundial que assentasse, sobretudo, naquilo a que Benite chamava “o [seu] papel ético”.

“Foi sempre alguém que pôs as suas convicções ao serviço da cultura, muito além da sua área do teatro. Tinha convicções muito fortes, mas tinha também uma generosidade muito grande”, disse o filósofo Manuel Maria Carrilho, ministro da

Cultura na altura em que o projecto do Teatro Almada foi concebido, no final dos anos 1990. “Mas um verdadeiro *compagnon de route* e não no sentido da sua família política (a comunista).”



Joaquim Benite (em cima, à dta.) dirige I

Jerónimo de Sousa, secretário-geral do Partido Comunista Português, fez ontem chegar um depoimento ao PÚBLICO em que lamentava “a perda irreparável para a cultura portuguesa” de alguém que “marcou impressionantemente a vida cultural do nosso país”, a perda “de um camarada e de um amigo, de um militante comunista que, durante décadas, integrou o colectivo partidário do PCP”. Mas Benite, que sempre se disse “eviden-

FOTOS, CORTESIA DA COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

Pedro Walter em *Hughie*, de O'Neill, e uma cena de *A Mãe*, de Brecht

temente de esquerda”, nunca quis pertencer ao aparelho. “A política de aparelho exige disciplina. Nos jornais eu estava habituado a escrever oito páginas sobre um congresso político e ver a censura reduzi-la a duas. Mas na assembleia não estava disposto a pedir autorização ao partido para falar.” A política que lhe interessava estava perto das pessoas e ligada à cidade, no sentido grego do termo. “É uma política que exige liberdade e responsabilidade individuais. Sempre tive uma costela anarquista e, por isso, nunca pude criar raízes no aparelho do partido.” Daí ter percebido tão bem Brecht, um dos seus autores de eleição, ao qual voltou em 2010

com *A Mãe*, emocionante reavistagem de um teatro de intervenção. Ou ainda José Saramago em *A Noite* (1979) e *Que Farei com Este Livro?* (1980 e 2007). Exemplos de um teatro exigente, ao invés de difícil. “O teatro é, antes de mais, uma experiência de prazer”, escreveu em 2003. Uma experiência, disse-o dez anos antes, que combatesse “o projecto de vida que nos apresentam [e que] é o do contentamento alvar e rasteiro, numa existência sem horizontes nem dimensão poética”.

Espectador e cidadão

Benite habitava o seu teatro de um devir poético, consciente de que →

→ os espectadores são, sobretudo, cidadãos, e que fazer teatro, encenar, era um exercício de pesquisa e de desejo de encontrar um espaço “de materialização de uma certa visão do mundo”, como disse Demarcy-Mota. Um teatro, afinal, entendido como serviço e uma compreensão das massas, do povo, e do público – “a sua obra-prima, os espectadores de Almada, as pessoas mais calorosas (e numerosas) do teatro, por cá”, escreveu o encenador Jorge Silva Melo (ver texto nestas páginas) – que muito deveu a uma revisão da noção de comum, a génese humanista do comunismo.

O que o movia? Explicou-o assim em 2010 ao PÚBLICO: “Interessante fazer e apresentar espectáculos interventivos, que tenham preocupações de carácter geral sobre o comportamento humano, não apenas no plano político, mas em todas as suas dimensões e, em particular, nas que determinam a vida das pessoas.” Por isso, Almada foi, palavras suas, o que aqueles aventureiros fizeram desde o início, “um lugar de encontros de culturas, um lugar de cultura”. Almada foi, é, diz Jorge Andrade, director artístico do colectivo Mala Voadora, que lá se apresentou, “um exemplo de tudo o que de bom o teatro pode construir”.

De 1984, no esconso Beco dos Tanoeiros, onde um palco de madeira improvisado recebeu companhias portuguesas, ao edifício de Manuel Graça Dias, Egas José Vieira e Gonçalo Afonso Dias, prémio AICA 1999, um dos maiores palcos portugueses, Joaquim Benite e a sua voluntariosa Companhia de Teatro de Almada deram início à aventura de fazer um festival onde se cruzavam “os que nunca se viam ou ouviam, e até se hostilizavam”, com os nomes que, então, estavam reservados aos grandes festivais do mundo, como o de Almada passou a ser.

Será fácil dizer que era “generoso”. Esta é, aliás, a expressão que melhor o definia. Num texto de 1995 fazia suas as palavras de Jean Genet: “Se a palavra cultura tem algum sentido, é o de respeito e cordialidade.” No teatro “as coisas são lentas”, dizia. “O importante é o que se constrói com o universo com que se trabalha.” Benite demorou uma vida toda a aprender como se fazia. O tempo de uma vida a que deu sentido. Chaplin teria gostado de saber que houve quem o tivesse superado. **com Isabel Salema, Lucinda Canelas e Vanessa Rato**